



## DAS CONCEPÇÕES DE ENSINO HISTÓRICA: AO ENSINO TECNICISTAS MODERNO

José Raimundo Aparecido de Cassio <sup>1</sup>

Desiré Luciane Dominschek Lima <sup>2</sup>

### Resumo

No processo de evolução da humanidade e educação foi fator determinante para moldar uma a relação de convivência em sociedade, nesta presente abordagem procuraremos trazer um breve contexto da evolução da educação, em seu contexto histórico e suas abordagens e consequências nas sociedades do seu tempo, valendo-se de uma abordagem quantitativa e qualitativa a partir de uma revisão bibliográfica e uma análise documental no sentido amplo, para entender quais os desafios e conquistas que nos trouxe até esse momento. A história da educação tem início nas sociedades primitivas e tribais, visando o ensino informal das coisas práticas da vivência coletiva e mediada pela convivência em grupo. Como teoria pedagógica, propriamente dita, a educação surgiu na sociedade grega, tendo como principais representantes os filósofos e os sofistas.

**Palavras-chave:** Educação, Sociedade, Pedagogia, política, historia

---

<sup>1</sup>Graduando do Curso de Licenciatura em Filosofia do Centro Universitário Internacional UNINTER - SP, cinema.jra@gmail.com;

<sup>2</sup>Professor orientador: Pós-doutorado em Educação na área de Concentração: Filosofia e História da Educação, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutora em Educação (UNICAMP) pela mesma linha de concentração é pesquisadora do Grupo História, Sociedade e Educação no Brasil; (HISTEDBR-UNICAMP). Mestre em Educação na área de concentração: História e Historiografia da Educação, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Especialista em Organização do Trabalho Pedagógico e Ciência Política pela (UFPR); graduada em pedagogia pela mesma instituição, desire.d@uninter.com; [desire.d@uninter.com](mailto:desire.d@uninter.com)



## Introdução

A educação em Esparta era responsabilidade do Estado e uma palavra define bem o espírito da educação em Esparta: *agogê*(agoge), “adestramento”, “treinamento”. O termo escola vem do grego *scholé* significando “lazer, tempo livre”. Esse termo era utilizado para nomear os estabelecimentos de ensino pelo fato de a tradição greco-romana não valorizar a formação profissional e o trabalho manual. Formar o homem das classes dirigentes era o ideal da educação grega. Na Idade Média, o conhecimento ficou praticamente nos mosteiros, era elitizado não havendo separação entre crianças e adultos. Devemos destacar que para os árabes a educação sempre foi um assunto relevante para os sábios do Islam. Não somente estudos religiosos, mas também seculares, foram difundidos no mundo islâmico através de *madrassas*<sup>1</sup>, para pessoas de diferentes gêneros e idades. Educação é, nos escritos *orteguianos*, uma preparação para o futuro, uma aventura filosófica no sentido de viver o drama humano que se apresenta cotidianamente a cada sujeito. Por conta disso, educar significa preparar o indivíduo para se aventurar no drama cotidiano da vida, ou seja, potencializar a existência humana no sentido de assumir a circunstância, desvendando as contradições e fazendo escolhas com responsabilidade e compromisso com a vida, é importante esclarecer que, apesar de serem próximos, os conceitos de existência e circunstância diferem na medida em que são usados ao lado do conceito de vida. No caso exposto, a existência é a vida singular, e a circunstância, a vida social, existencial e circunstancial.

É aí que a educação se ambienta na escola e os religiosos se encarregam da transmissão do saber não somente nos países europeus, mas também nas colônias através das missões jesuítas. Percebemos isso claramente ao notar que no período da Revolução Industrial (a partir de 1750), que a educação começa a tomar outro propósito que não a formação do homem para vida em sociedade, mas para necessidade de mão-de-obra para operar as máquinas e que para tal manejo teriam que ter no mínimo uma instrução básica. A burguesia percebeu que a educação serviria para disciplinar o homem para a formação de trabalhadores. Adam Smith, um dos grandes teóricos do Capitalismo, inclusive defendia que a educação era necessária e deveria ser dada em pequenas doses às massas.

<sup>1</sup> deriva do árabe *madrssa*, por vezes transliterada como *madrassa* ou *madrassa*, palavra que em árabe originalmente designava qualquer tipo de escola, secular ou religiosa (de qualquer religião), pública ou privada. *Madrassa* é uma escola.



A educação moderna centrou-se no professor como centro do conhecimento para expansão do saber, numa sociedade que expandia rapidamente com as consequências da revolução industrial e urbanização consequente da transformação do trabalho e crescimento demográfico, formar cidadãos, cientes de direitos e deveres e capazes de exercê-los perante a sociedade, deixou de ser uma prioridade, pois as necessidades de formar mão de

outra criando assim um conceito de educação tecnicista<sup>2</sup>.

Pois bem, ainda em conformidade com Adorno, a questão encontra-se na formação que cada sujeito recebe, ou seja, se essa educação se realizou ou não para a emancipação.

A questão, segundo esse autor, era investigar se o modelo pedagógico conseguia, de fato, garantir o asseguramento de uma emancipação política. O resultado da pergunta é não.

A escola não deve apenas constatar a existência da pobreza e do desemprego, mas também explicar porque existem periferias urbanas, pobreza e desemprego. Uma formação política é essencial. [...] E isso significa entender que a pobreza não pode ser eliminada somente por meio da educação integral. (GADOTTI, 2009, p. 3)

Para Adorno (2011), o modelo de educação que privilegia a técnica, a ciência e desconsidera a formação política, além da educação tecnicista ser uma educação que não poderia ser considerada dialógica por ser um conhecimento adquirido de forma passiva em oposição do conhecimento progressista, apresentado de maneira verticalizada reproduzindo somente o pensamento dominante sem que o outro esteja consciente.

<sup>2</sup> Que se refere, pertence ou é próprio do tecnicismo, valorização exagerada de recursos técnicos ou tecnológicos. [Figurado] que se atenta exageradamente os detalhes; muito específico.



Mais do que simples transmissão, a escola moderna deveria sepultar para a construção de um saber autônomo, em que o indivíduo se mostre capaz de criticar e organizar o conhecimento que se mostre relevante para si mesmo. Percebemos que, em Durkheim, a escola deve funcionar como o estado deseja. todavia, considerando que essa possibilidade pode não acontecer, daí surge, segundo esse autor (Durkheim, 2011), os problemas sociais e políticos. já em Bourdieu (2014) não existe tal possibilidade, pois, ainda segundo Thomas Bernhard, citado por Bourdieu (2014, p. 92):

Maria Montessori, conceitua uma nova Pedagogia, a partir de experiências com o ensino de crianças, concluiu que o espaço ideal para ser uma escola é um lugar onde as crianças possam ter a liberdade de viver sem dogmas com liberdade instintivas, esta liberdade possibilita que as crianças aprendam e se desenvolvam sem a ajuda dos adultos. Assim, preparando-se um ambiente adequado aos movimentos das crianças, ocorrerá o desejo natural e, portanto, um aprendizado saudável.

A formação do homem se dá dentro de um conjunto histórico e com outros indivíduos para que se forme uma comunidade com determinada cultura, para isso há necessidade de uma abordagem igualitária que se dará através da comunidade escolar por meio de um projeto político-pedagógico, e por uma dialógica envolvendo toda a comunidade nas suas mais variadas pluralidades,

Para Paulo Freire, grande expoente da educação brasileira, a escola é o espaço onde se dá a dialética entre o homem e o mundo ao redor, trazendo transformações ao mundo, o homem deve participar da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feita, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história(...) Freire, 1980. Freire considera a escola como um espaço político para a organização popular.

As tendências curriculares não crítica, traz uma abordagem que ignora as tendências sociais-políticas e enaltece a ordem do capitalismo econômico de tendência liberal. Dentro desse modelo, a educação tradicional elimina o olhar crítico e a capacidade de reflexão, formando mão de obra especializada com educandos facilmente submissos e oprimidos., enquanto a crítica e pós crítica traz uma outra perspectiva para o futuro da educação, como a eliminação das desigualdades e a oportunidade de educação de qualidade para todos, Com o surgimento da Escola Técnica, já no fim da década de 1960 no Brasil, surge no contexto o sistema educacional. Tinha como referência a educação norte-americana, baseada em um sistema capitalista, o objetivo era formar para o trabalho, de modo direto., com propósito específico de ensinamentos técnicos, para futuros profissionais que atuasse no mercado de trabalho sem a preocupação com questões políticas, culturais e comunitárias.

Nesta breve contextualização procuramos evidenciar as questões relacionadas a educação passado e presente, e notório que a educação sempre esteve sujeita a vontade do poder dominante com o foco sempre a atender topo da pirâmide social, seja na definição grega para os três tipos de homens, identificaria as “almas de bronze”. Estes deveriam dedicar-se a subsistência da pólis. “Almas de prata”. Esses ficariam responsáveis pela defesa da cidade. “Almas de ouro”. Caberiam a estes cidadãos o governo da cidade. Cada uma delas tinha um tipo de instrução, passando pelo período medieval onde somente o clero e a nobreza tinham acesso a educação, no Brasil no período colonial a educação jesuíta tinha um processo mais evangelizador do que instrução pedagógica, com a revolução industrial temos uma verdadeira divisão na sociedade a formação para elite e a massa trabalhadora formada outra classe, pensamento que de certa maneira perdura até os dias de hoje na formação da sociedade.

## REFERÊNCIAS

FERRATER, M. J. Ortega y Gasset: etapas de una filosofía. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1958.

DURKHEIM, Émile. A divisão do trabalho social. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 2004.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. Dialética do esclarecimento. Tradução de Guido Antonio de Almeida. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1966.

BERGER, P.; BERGER, B. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: Foracci, M. M.; Martins, J. de S. (org.).

MÉSZÁROS, István. A **educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005

ORTEGA Y GASSET, José. A Rebelião das Massas. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

**História da Educação** [História da Educação - Pedagogia - InfoEscola](#) acesso em 30 ago 2023

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete pedagogia tecnicista. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <<https://www.educabrasil.com.br/pedagogia-tecnicista/>>. Acesso em 31 ago 2023.

## A ESCOLA ATRAVÉS DOS

**TEMPOS** <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-escola-atraves-dos-tempos> acesso 30 ago 2023

